Gaita de Foles

A transcrição de música de guita de foles em notação musical põe problemas de difícil resolução, pela quase impossibilidade de anotar o que para alguns autores são «... faltas de entoação (verdadeiras desafinações)» e para Lopes Graça «...verdadeiras escalas microcromáticas (...) que, além do mais, são frequentes na música vocal».

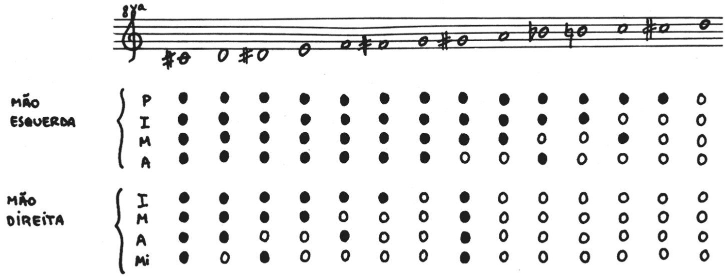
Com uma extensão limitada, que nos exemplos transcritos não ultrapassa o âmbito de uma nona, o que importa, como aliás acontece com outros aerofones, são as digitações que derivam de um compromisso entre as possibilidades de cada instrumento, o repertório que habitualmente toca e a forma como se fazem as notas «picadas», os acentos e as ornamentações.

Resolvemos por isso não sobrecarregar os textos musicais com muitas indicações que dificultariam, sem resolver completamente, a restituição dos trechos musicais, por estarmos certos que os interessados poderão recorrer às gravações originais, corrigindo assim os erros que cometemos.

A transposição de todos os trechos para o âmbito de dó^4 a ré^5, visa facilitar aos executantes a sua leitura. A exemplo do que hoje se faz na Galiza, a gaita de foles é tratada como instrumento transpositor, indicando−se no inicio se a música era ou deve ser tocada num instrumento em Ré, Dó ou Si b.

Enrique Otero Covelo, em «Leccións de Gaita» (ed. Galaxia/Vigo 1978) sistematiza os procedimentos de escrita e técnica instrumentais que aqui utilizamos.

Não nos foi possível infelizmente comparar as digitações usadas pelos gaiteiros nas músicas transcritas, pelo que optamos por indicar a digitação utilizada actualmente nas gaitas galegas. A construção ou recuperação de instrumentos portugueses, com características que lhes são próprias, não deve no entanto ser esquecida, por serem os únicos que permitem uma restituição fiel do repertório tradicional.



Um dos procedimentos técnicos utilizados pelos gaiteiros portugueses, muito frequente em notas longas (que indicamos com «mmm», que não é o mesmo que «trmmm») é o «picado», que lhes permite uma articulação e subtil variação de intensidade e timbre, sem modificar a altura do som. Otero Covelo, na obra citada, (pag. 20) diz−nos ainda:

«(...) A gaita é un instrumento de sonido continuado ou permanente, anque en determinados momentos se corte o son por ter que acompañar a outros instrumentos ou conxuntos.

Na maioria dos instrumentos, sexan de boquilla ou cana, o picado faise cun pequeno golpe de lingua. Mentras que na gaita ese mesmo afecto hai que facelo cos propios dedos.

A maioria das persoas que escriben pra este instrumento fano desvirtuando o picado, escribindo un mordendo dunha nota cun sonido superior á nota real, que pode darse por bon pro que en realidade non o é.

Dos moitos segredos que ten a gaita, un dos principais é o punteado. Por ser instrumento de sonido permanente, poderiamos decir que as melodias sempre están ligadas Pero toda nota que sexa do mesmo nome e esteña á mesma altura ten que ser quitada por ser nota repetida.

Na gaita existen tres maneiras de facer o picado: picado, picado ligado e acento. Este último depende da pulsación do dedo que fai o picado.

Picado da man dereita. Todas as notas que facemos coa man dereita, que son Do, Re, mi, e Fa, picanse co dedo número seis según a escala numerada, ou sexa co dedo do La que pertence á man ezquerda.

Picado da man ezquerda. As notas Sol e La picanse co dedo n.º 7, ou sexa ca posición do Si. O Si, co último dedo, ou sexa ca posición do Re. O Do con tres dedos ao mesmo tempo que pertencen ás posicións Sol, La e Si. E o Re, que é a última nota, cos catro dedos da mesma man ao mesmo tempo.

Picado ligado. Este picado ten unhas características moi especiais xa que se ten que facer ca maioria dos dedos que nese momento están abertos. A primeira nota do punteiro é quizais na que non podemos usar este termo, ainda que tampouco se adoita facer cadencia sobre dela por ser nota de paso e resolver na tónica. A segunda nota, que é o Re, faise co maimiño. O Mi cos dous primeiros dedos. O Fa cos tres. O Sol cos catro. O La cos cinco. O Si cos seis, ou cos dous primeiros dedos da man ezquerda. O Do cos tres dedos desta mesma man. E o Re, que é a última nota, cos catro dedos. O picado que facemos con máis dun dedo ten de ser simultáneo e preciso no momento de facelo pra non desfigurar o sonido.» (...)

Colectores: E.V.Oliveira e Benjamim Pereira

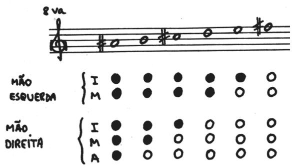
Moimenta , Vinhais (1960/63)

Transcrição: Carlos Guerreiro / Domingos Morais (1982)

ALVORADA (1001evo249.mp3 / 0’52’’)

Gaita: Carlos Gonçalves

Caixa: Augusto Diegues



LAVRADOR DA ARADA (1201evo185.mp3 / 0’20’’)

Palheta: José dos Reis

José dos Reis

Bombo: Isaias de Azevedo

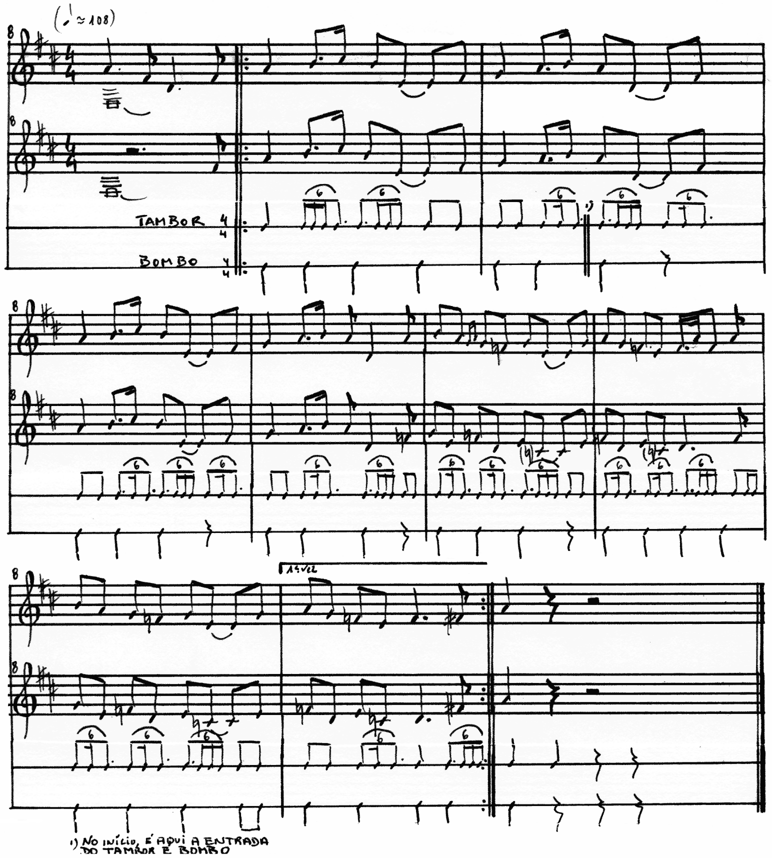
CARVALHESA (1002evo250.mp3 / 1'05'')

Gaita: Carlos Gonçalves

Ferranholas: Iria dos Anjos

Pandeiro: Maria do Carmo Garcia

Viola beiroa



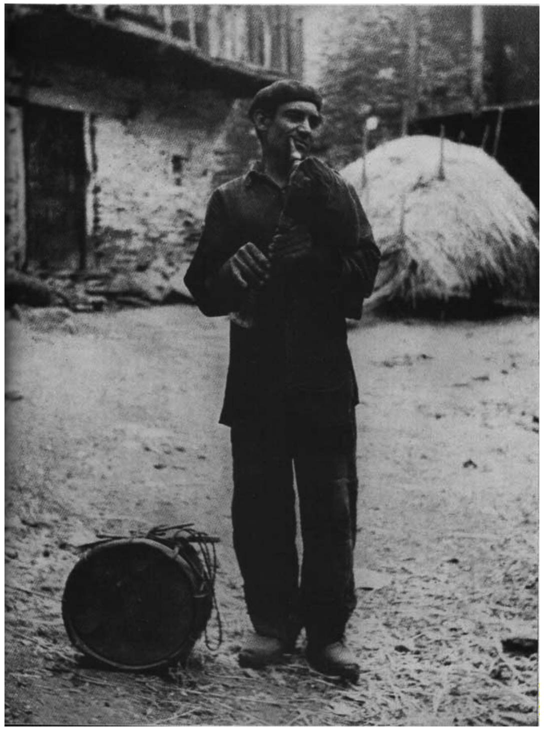
PALHETA

Colectores: E.V.Oliveira e Benjamim Pereira

Monsanto, Idanha a Nova (1960/63)

Transcrição: José Pedro Caiado (1982)

Afinação:



Juan Prieto Chimeno

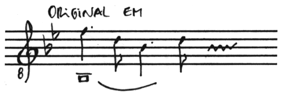
Colectores: E.V.Oliveira e Benjamim Pereira

Bravães, Ponte da Barca (1960/63)

Transcrição: Carlos Guerreiro / Domingos Morais (1982)

CAROLINA ANDA À VARANDA (1006evo029.mp3 / 0’44’’)

Zés–Pereiras



Colectores: E.V.Oliveira e Benjamim Pereira

Ifanes, Miranda do Douro (1960/63)

Transcrição: Carlos Guerreiro / Domingos Morais (1982)

ELEVAÇÃO DA HÓSTIA (1003evo231.mp3 / 0’48’’)

Gaita: José João da Igreja

MIRA–ME MIGUEL (1004evo164.mp3 / 0’46’’)

Gaita: José João da Igreja

Colectores: E.V.Oliveira e Benjamim Pereira

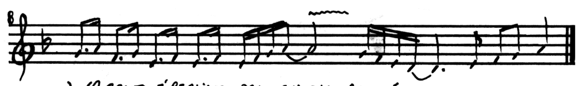
Rio de Onor, Bragança (1960/63)

Transcrição: Carlos Guerreiro / Domingos Morais (1982)

CARVALHESA (1002evo250.mp3 / 1’05’’)

Gaita e canto: Juan Prieto Ximeno

Tambor: José Manuel Fernandes



¹) O canto, é realizado pelo gaiteiro em uníssono com a gaita..